

SERÕES



Nº 11

MAIO 1906

Dillon

Summario

MAGAZINE

Pag.

FRONTISPICIO		
Interior da capella do asylo de Cegas da Rua Formosa.....		350
ILHA DE PORTO SANTO		
(11 illustrações) por AUGUSTO FORJAZ		351
ELEGIA RUSTICA		
(4 illustrações) por JULIO BRANDÃO.....		360
CHAPEU ALTO — Versos.		
(1 vinheta) por JULIO BAPTISTA RIFADO.....		365
PROTECÇÃO AOS DESVALIDOS — OS CEGOS I		
(14 illustrações e 1 vinheta) por VICTOR RIBEIRO		366
A SOPINHA DA CARIDADE — Photographia (cliche de A. Lima).....		377
NA RIBEIRA DO MAR — Versos.		
(2 illustrações) por COELHO CARVALHO		378
O CARNAVAL NO RIO DE JANEIRO		
(7 illustrações) por João LUSO.....		380
BENITA — Romance Africano.		
(4 illustrações) por H. RIDER HAGGARD		386
O MATADOURO DE LISBOA		
(18 illustrações).....		397
O SONHO DA AMERICA		
(27 illustrações) por ALFREDO DE MESQUITA.....		403
EPIGRAPHE D'UM LIVRO		
(Versos) ALCANTARA CARREIRA.....		413
A TORRE DE BELEM		
(9 illustrações).....		419
OS SERÕES DOS BÊBÊS		
(12 illustrações).....		427
SECÇÃO DE XADREZ		
(5 diagrammas) por BALDOQUE DA SILVA		431
ACTUALIDADES		
(23 illustrações).....		433
OS SERÕES DAS SENHORAS (27 illustrações)		
CHRONICA GERAL DE MODAS. pag. 185	BLOUSE PARA SENHORA	" 191
CÓRES E TECIDOS..... " 185	CAPA BOLERO PARA SENHORA.....	" 191
GUARNIÇÕES DE TOILETTE..... " 186	TRAJE DE CRIANÇA.....	" 191
TOILETTES DE VERÃO..... " 186	LINDO SACCO DE NOITE.....	" 192
PÉLERINES E CAPAS DE VERÃO..... " 187	LAVORES FEMININOS.....	" 193
SOMBRINHAS PARA VERÃO..... " 187	CENTRO DE MEZA.....	" 193
ACCESSORIOS DIVERSOS	DOIS GUARDANAPOS DE CRIANÇAS COA	
CHAPEUS DA ESTAÇÃO	BORDADOS LIGEIROS.....	" 193
TRES ENCANTADORES CHAPEUS PARA	ALMOFADA BORDADA A PONTO DA HUN-	
CREANÇAS	GRIA	" 194
EXPRESSÕES PHYSIONOMICAS	MODELOS PARA QUADROS.....	" 194
SUPERSTIÇÕES ESTRANHAS	AS MARIONETTES DE FORAIN.....	" 195
A NOSSA FOLHA DE MOLDES. " 191	CONSULTORIO DE LUIZA.....	" 198
A MUSICA DOS SERÕES		
MAZURKA PARA PIANO		
Por RODRIGO DA FONSECA.....		4 paginas



Eu creio que foi na romaria de St.^a Angelica que elles se viram, os namorados d'este conto.

Quando Luiza chegára com a mãe, os varapaus começavam de ensarilhar-se num rumor secco d'arvores que se partissem.

Nascêra a desordem duma cantiga maliciosa que o *Melro*, um brigão dado a amores, desferira, á viola, e que foi, como um ferro de flexa, bater no peito da mais linda morena do monte:

*Anda cá, minha trigueira,
Pois já me quiçeste bem...
Olha, a videira sem uvas
Já não dá o que não tem!...*

O morgado de Linhaes, com a sua jaqueta de alamares, e a faixa rubra e ardente como a sua paixão pela morena, arrempou para a nuca o chapéu calabrez, e com o marmelleiro de choupa despedaçou, gingando, a banza do cantador.

E logo os chapéus voaram, as mulheres gritaram numa algazarra. A mó do povo agitara-se, enloidecida, á maneira das messes, quando lhes bate o vento: caíam as mesas e tableiros de doces, as canecas brancas rolavam partidas, e no meio da turba electrizada em remoinhos cyclonicos, ao fragor da debandada espavorida, ficára num carro de bois, ornamentado de folhagens frescas, uma pipa de vinho esguichando como um repuxo de sangue...

Incendio que lava, a raiva acirrava os camponios de manjaricão na orelha, e os lóddãos zigzagueavam, partindo cabeças e desengonçando costellas. O largo, com o seu cruzeiro de pedra e as suas pacíficas e velhas arvores, convertêra-se em momentos num arraial de guerra. Os sinos da ermida tocavam. O rapazio empoleirára-se como lesto gorilhas, nos ramos altos



dos carvalhos. E da casa da escola, onde se albergavam, uns soldados saíram em linha, mas apenas o alferes e o corneta avançaram, por entre a multidão espavorida, para o bando assanhado dos jogadores de pau.

O official, um moço pallido, que vinha talvez de ler, embevecido, algum romance de Ponson du Terrail, admoestou, com a espada desembainhada, a turba dos desordeiros, onde se viam já papoulas e fios de sangue, e onde as pragas se tinham abafado num silencio rancoroso, d'estes em que parece que ouvimos estalar corações. Mas a briga era agora mais estrategica, mais meticolosa e previdente no assalto; os jogadores cobriam-se e atacavam como grandes mestres d'armas. Alguns paus estalavam, partiam; um ou outro batalhador caía de borco... Então a gritaria enchia os campos, onde a natureza, silenciosa e luminosa, se diria sonhar sob o ceu imperturbavel. Os sinos tocavam mais. E a briga continuava, teimosa e enraivecida, tal se um largo rastilho de colera sacudisse e mexesse aquelles homens ageis. De novo, nervosamente, o alferes, pallido, ergueu a espada fina, e clamou, já rouco, palavras bem altisonas, — mas que se perderam e voaram como folhas. Nesse momento um rapagão espaduado e loiro rodopiava tonto d'uma pancada, e caía. O phrenesim da pugna não quebrava — e a pipa continuava tambem a esguichar o seu vinho escarlate, como uma coisa bacchica, sob os ultimos clarões do sol poente!...

Então o official, cada vez mais livido, deu uma ordem rapida — e o corneta tocou a reunir. Aquelle som vivo e marcial, que poz um calafrio no povoleu suspenso, e ecoou nos montes longiquos como um funesto clarim de guerra, não desanimára ainda os desordeiros, valdevinos do amor, rufiões e marialvas, que os ciumes e o vinho desvairavam. E ao ver a rede de varapaus crescer mais, num estralejar bravo, o alferes soltou a voz de fogo — e uma descarga alta reboou, pois quando os homens se transmudam em feras, parece ainda preciso fustigar-lhes os flancos com balas.

Os paus foram-se aos poucos quedando. Os atletas fugiram, ainda aureolados de sol. Fez-se uma clareira; e viu-se, mais longe, um homem moço e alto cair ferido... O povo accorrêra — egual a um enorme formigueiro alaranjado de sol vasquejante. Luiza tambem fôra com a mãe, no bando das mulheres lacrimosas: e foi uma das que ajudaram a soerguer

o rapaz que tombára, e que uma bala ferira. Era um mancebo dum trigueiro pallido; o bigode, d'amora retinta, pendia-lhe aos cantos, melancolizando-lhe mais o rosto meigo. Viera de longe, d'além das montanhas, não entrára na briga, que apenas contemplava a distancia, dum alto, como certos generaes da Historia. Mas pagára pelos rufiões avinhados, prostrado por bala assassina, aquelle moço d'olhos pretos e amantes.

*
* *

Foi então, creio eu, que se viram pela primeira vez o ferido e Luiza. O casal abastado da rapariga era perto, e lá recebeu elle o primeiro tratamento, até que abalou para a sua aldeia, além serra.

Era uma linda noite de luar, quando partiu, ainda doente, com a mãe que o viera buscar, no carro da carreira. Luiza, a sua meiga enfermeira d'alguns dias, viera dizer-lhe adeus — e os seus claros olhos enturvaram-se... A romaria de St.^a Angelica acabava. Na fachada da ermida tremeluziam ainda, ao longe, os arcos da iluminação festiva. No alto todo o ar se estrellára, duma pureza diaphana, como se Deus se entretivesse a desfolhar malmequeres d'oiro pelo ceu... Da romaria apenas chegava, aquella hora de despedida melancolica, a toada lenta e suspirosa do *Malhão*, num queixume que o vento leve esfarpava. Que linda noite! Um foguete distante pingava as suas lagrimas no azul alvacentos, tepido, nupcial. Havia um aroma amoroso de cravos...

E o certo é que se amaram. Pouco depois elle vinha vê-la a miudo. Luiza esperava-o ansiosa, com os olhos remirando o caminho da serra. Mas aqui já começa a novella a ser triste: já em torno ás figuras lealmente amorosas começam de esvoaçar as aves de rapina — instinctos de cobiça, de perfidia e inveja, mesquinhas companheiras, muita vez invisíveis, da triste vida do homem.

Vieram as represalias, e depois as violencias. Luiza foi sequestrada cruamente ao amante. O pae, brusco e cioso da sua riqueza, dissera-lhe uma vez:

— Has-de casar rica, e a meu modo. Não te criei p'ra freira, cachopa; mas tira o sentido d'onde o trazes...

E vendo a rapariga córar e os olhos a orvalharem-se:

— Mal vae se torno a enxergar o Manuel-



...TIRA O SENTIDO D'ONDE O TRAZES. . .

zinho... Não me queiras desgraçar, Luiza. Nada de caramunhas!...

Luiza chorára muito. Aterrára-a o ar sinistro do pae, teimoso e rude, com formidaveis coleras. E tratou de avisar o namorado para que não viesse, até que se desvanecesse aquelle rancor, que o tempo gastaria. Confiava na bondade do destino, quasi sempre enigmatico e triste como os emblemas das tumbas; rezou aos santos que intercedem suavemente pelos namorados nas longiquas venturas do ceu, e tinha fé no seu amor, que era grande, e no tempo que até vae roendo as pedras duras, quanto mais a maldade da gente.

E o outomno foi passando. As folhas desprendiam-se amarellentas, como as antigas illusões de poetas. Já mal havia flores. A natureza empallidecia, mirrava-se, como se aquella terra exuberante e viçosa se espiritualizasse e emaciasse para um recolhimento claustral. Mas para os corações encantados e para a legião dos bardos e dos tristes o outomno cria e abre rosas mais redolentes!

Manuel obedecêra: não viera como até ahí,

ao lusco-fusco, quando os morcêgos avoejam; mas vira-a durante dois mezes doloridos, escondido na diligencia que passava na estrada Do largo, já Luiza ouvia as campainhas dos machos, que tinham aos seus ouvidos, no silencio da tarde, como a mais doce musica da terra — e corria ao muro, para olhar o carro e encherem-se-lhe depois os olhos d'agua ..

* * *

Logo que veio o inverno, bravo e rispido, puderam os dois ajustar encontrar-se no alpendre, noite alta, quando todos dormissem. As desconfianças do pae tinha-as levado a ausencia de Manuel e a neve de janeiro. E foram noites continuas de susto e d'amor no velho cobêrto do casal.

A chuva caía, o vento desgrenhava as arvores, parecia latir nos descampados — e ás vezes respondia-lhe na serra o uivar dos lobos.

Eram dum terror quasi delicioso essas noites de invernía. Sobresaltos e medos mais forte tornavam esse amor, mais doces ainda aquellas horas vagas... Ás vezes parecia que vinham passos... Luiza estremezia, empallidecia como as mortas, que ainda levam no somno do ataúde um eterno sorriso d'amor...

— E se era o pae?! Seria?!...

— Não; era o vento... Não era nada.

E eil-os de novo a tecer, encantados, as teias de illusão que os namorados tecem.

Depois um cão ladrava. Seria gente que elle vira? Jesus!

Manuel tranquillizava-a. E se fosse? Não eram noivos? Que tinha?!

Ella apertava-lhe a mão; olhava receosa a sombra horrivel e profunda da noite. Docemente Manuel afagava-lhe os cabellos.

De novo o vento uivava, com a afflicção durdoido esfarrapado a correr pela treva.

— Ouves, Manuel?!

— São os lobos... É o vento...

E voltavam a fallar, tiritando sob a telha vã do alpendre, ácerca dum lar futuro, onde nos duros invernos arderia o lume aquecedor e benéfico. E as chimeras voavam, junto d'elles, com a doçura que devem ter nas visões mysticas, as azas, sempre brancas, dos anjos.

— Olha, Manuel, escuta: já canta!

Effectivamente um gallo cantava. Era o signal de partida.

— Adeus, meu amor!

— Adeus, Manuel!

E Luiza lá ia descalça, para que os passos não fossem despertar alguém no casarão silencioso; elle lá seguia, sob o tecto negro e agoureiro da noite, por onde o não enxergassem, palmilhando os caminhos da serra, onde só os pegureiros passavam.

Mas o inverno apertava. Certa noite elle disse-lhe:

— Queres tu fugir comigo, Luiza? Vamos p'ra longe, casamos, seja o que Deus quizer!

Ella mordeu o beijo, linda, scismando, os olhos como espantados num grande sonho.

— Queres, amanhã, pois queres, Luiza? Eu venho mais cedo...

Ella receava. Sentia o peito oppresso, as mãos gelavam-lhe de commoção...

Elle tomou-lh'as, com uma grande bondade carinhosa:

— Então queres, Luiza? Pois fugimos?

Afinal combinaram. Iriam para o Azinhal, que era distante: lá tinha elle um casebre que o avô lhe deixara: haveria um grande lume. Casariam, seriam felizes. O padrinho d'elle, o abba, havia de interceder e apiedar o pae...

— Pois sim, Manuel, pois sim!...

E elle abalou, por essa noite gelida e clara. Ia quasi offegante, radioso, como os que vão para os sonhos d'amor.

Aquelle idyllio, aquellas horas de emoção tão suave, as travessias nocturnas nos barrocaes da serra, enchiam-lhe o coração dum amor forte e poetico, como se a lua do monte lh'o tocasse de belleza.

Pelo caminho, conchegando o capote, ao tremer azulado dos astros, Manuel suspirava pelo dia nascente, para ir preparar o seu ninho no Azinhal. Oh! como Luiza era boa, que tudo abandonava por elle! Como a luz dos seus olhos era abençoada e clara, que ainda nas noites mais negras todo aquelle caminho lhe alumiaava!...

Ao pintar do dia Manuel correu ao Azinhal, e levava no peito mais aurora do que a que vinha alumiaando o ceu. Se dormiu? Quem é que dorme, aos vinte annos, nesse esplendor romantico da vida! O coração é então como as flores que se abrem só ao brilho da lua... Tudo é sonho!

O padrinho, velho abba de risonho e athletico, que militára na Patuleia, prometeu carinhoso interessar-se. Sorriu-se, não teve assomos de rigidez ascetica; conhecia que a vida era uma grande hossana d'amor, um excelso

e harmonioso cantico de seivas. Os seus cabellos raros tinham encanecido a esse fulgor do sol, que tem para a natureza o beijo augusto e casto, que sempre faz florir a terra namorada.

— Elle fallaria ao pae de Luiza. Elle os casaria... E que tivessem filhos, para honra e gloria d'aquella raça forte!

Manuel exultava. Afinal a sua felicidade viria, tão anciada e linda, quando a noite estendesse o seu largo veu nupcial d'estrellas... Ah! se chegasse a tarde! Os crepusculos de inverno eram rapidos e mal doirados; as noites frias e vagarosas. Mas o seu futuro todo se enchia de oiro refulgente, e até o inverno da vida é passageiro, se acaso o amor o embala.



— ENTÃO, QUERES LUIZA? POIS FUGIMOS?

Quando o sol se atufou, p'ra lá das serras, cabeça fulva e ensanguentada dum heroe que degolaram, o namorado sentiu, naquella hora vespéral e elegiaca, uma expansão de jubilo suavissimo — que era o aroma das rosas encantadas, que abriam na sua alma...

*
* *

Noite velha, Luiza foi, pé ante pé, para o telheiro. Levava a respiração suffocada, o coração batia-lhe rijamente. Tinha os olhos mais

brilhantes, o rosto parecia de cêra. Tremula, mal segurava na mão a trouxa com alguma roupa e o seu oiro...

Mas ao alpendre ainda não chegára o noivo. Esperou anciada. O frio cortava, e a neve caía em flocos, que se esfarpavam ao luar. Ella conchegava a capa, espiava os campos e o caminho solitario.

Ninguém! Como custa esperar por quem se adora! Ao longe ouviu um tiro, que echoou longamente nas serras, — para ficarem depois mais silenciosas. Jesus! toda ella tremia, á lembrança de que fosse Manuel. Uma ideia cruciante de morte suffocou-a; de assustada, os seus doirados cabellos ergueram-se. Olhava a noite, afflicta: a paizagem azulava-se ao luar frio, a neve ia caindo semelhante a nebulosas desfeitas... Luiza, os labios entreabertos, olhos quêdos e extaticos, esperava. Ninguém! Ninguém vinha! A noite continuava imperturbavel, branca e algida como o marmore dos tumulos. Tudo jazia numa quietação immensa; apenas os astros tremiam como vagalumes, e a neve caía em polvilhos e em flores...

Á magua súbita, succedeu-se uma ventura que quasi a embalava, porque os namorados andam em nuvens d'oiro, e parece que ainda aspiram aquella flor da lenda, com cujo perfume não havia ninguem que não sonhasse!... Manuel não tardaria! Já os gallos, velhos arautos do sol, tinham cantado — e Luiza sentou-se, olhando com receio de ser alli surpresa, prestando o ouvido ao ruido mais vago. Estava linda, dum pallor mais gelado, com o cabello mais d'oiro, que apparecia em madeixas debaixo do grande lenço de merino. Assim se quedou uns instantes, scismando nas horas amoraveis que alli passára, ouvindo Manuel

fallar da sua ventura. Sempre a ventura a acariciá-la e a envolvê-la!...

Desde essa romaria a St.^a Angelica que o seu amor sempre fôra crescendo, como estranha rosa feita de fogo e luz... Depois vieram tristezas — mas tristezas d'amor são venturas. Senhor, mas como elle tardava! Se elle viesse depressa, para fugirem depressa, sob o luar nupcial e sob a neve, que lhes viria do ceu como os confeitos e a missanga das bodas!...

E Manuel não vinha! A noite arrastava-se longa, presaga, algente. Luiza gelava, a tremer, embrulhada na capa; a mão já mal podia tactear a trouxa com o seu oiro. Outro gallo cucuritava, metallico, no ar gelado. Jesus, Jesus, que tarde!

Então uns uivos vieram da serra... De repente Luiza ergueu-se, sacudida, com um terror que lhe mortificava e lhe vincava o rosto. O peito arquejou, numa onda de summa afflicção, que lhe encheu os olhos de agua. Teve um presentimento pavoroso — e ficou numa postura de afflicção tamanha, que a bocca abriu-se-lhe num espasmo de estertor. Cambaleante, como ebria, as pernas a quebrarem-se, foi de novo espreitar a serra e a noite: e tudo lhe pareceu, mais do que nunca, um cemiterio enorme. E não ha outro maior, bem ao certo, que aquelle onde se afundam, para sempre, as nossas illusões, o nosso sonho!

*

Quando procuraram no monte o cadaver de Manuel, não o encontraram. Apenas lhe appareceram as sapatas ferradas. A alcateia devorou-o na noite do noivado. Ao luar phantastico, como havia de ter sido espectral e pavorosa a apparição dos lobos!

Elles vieram decerto descendo as fragas, co-



vardes, acompanhando de vagar a presa, como quem não tem pressa do repasto cubiçado. Outros foram correndo amarellados, com o pêlo hirsuto — e assentaram-se sarcásticos, de orelha fita, como inquisidores que se comprazem na tortura das victimas. Depois foram apertando o círculo de morte; e quando a fome é negra, não ha treguas: é prodigiosa a elasticidade d'estas feras no assalto, quando as guelas vermelhas se escancaram, e se fincam as garras como laminas de ferro.

Manuel disparára um tiro, que perdeu. E a noite a desfolhar-lhe estrellas sobre os sonhos! . . .

Talvez que as suas ultimas palavras fossem o adeus a Luiza. Sabem-no apenas as rochas e a neve d'esses montes. . .

Luiza pouco sobreviveu áquella morte. Transfigurou-se, livida, semelhante ás donzelas que se erguem dos esquifes, pelas noites de ballada mortuaria, com grinaldas já murchas nos cabellos revoltos. Eu ainda a vi doida, atirando ramos de murta e flores ás diligencias que passavam na estrada. . . Lembro-me sempre d'ella! Tinha os olhos enormes, cheios duma grande tristeza de lua e de morte — como a da noite pavorosa. E ainda me fico a scismar na santa rapariga, que eu vi tam linda na romaria de Santa Angelica, e no esbelto rapaz desventurado — que nasceu para ser ferido dos soldados, e devorado pelos lobos! . . .

JULIO BRANDÃO.



O Chapeu Alto

Entre o trigo que o sol cora
Vae cumprindo o seu destino,
Foi tão imponente outr'ora
Hoje é triste. . . pequenino!

Numa canna, a baloiçar
Ao vento mau, desabrido,
Elle faz afugentar
O passaredo atrevido.

Tão velho, tão desgraçado,
Não tem outra serventia,
O chapeu alto, coitado,
Que tanto resplandecia! . . .

Muita gente, quando passa,
Alegre, pelo caminho,
Sem dô d'aquella desgraça,
Põe-se a rir do pobrezinho!

E, na canna baloiçando,
Ao vento mau, desabrido,
O chapeu vae-se rasgando,
Tão velho e tão perseguido. . .

Nesse triste captiveiro,
O chapeu alto, infeliz,
Faz lembrar um prisioneiro
Bem longe do seu paiz!

Julio Baptista Ripado